



Cátedra Olavo Setubal

19º Encontro – 05.12.2019

A ÉTICA NA FORMAÇÃO, A FORMAÇÃO NA ÉTICA¹

Agradeço o generoso convite para vocalizar uma singela contribuição a este encontro intermediário da Jornada “Relações entre Arte e Ciência” da Cátedra Olavo Setubal. Prefiro a expressão “encontro intermediário” a “último encontro”. A confluência entre arte e ciência vêm de longa data, como ilustrado por Leonardo da Vinci e Cildo Meireles, duas personalidades sobre os quais a Cátedra se aprofundou. E perdurarão muito após se encerrar o encontro de hoje.

Entendo que o dia de hoje se destina a elaborar conjuntamente o balanço do nosso trajeto por um trecho da longa Jornada das Relações entre Arte e Ciência. Esse trajeto foi pavimentado pela parceria entre o IEA-USP e o Instituto Itaú Cultural, a quem agradeço muito o apoio engajado. Tivemos dois luminares a nos guiar de forma criativa e segura, a cientista Professora Helena Nader e o curador Professor Paulo Herkenhoff, a quem agradeço de coração a aceitação do convite, a dedicação do tempo e das emoções, assim como a disponibilidade para compartilhar os seus ricos conhecimentos e relevantes relacionamentos.

A nossa encantadora rota foi formulada num ambiente heterodoxo, a cátedra bicéfala. O direito autoral desse modelo é do amigo da USP e dela egresso Eduardo Saron, Diretor do Itaú Cultural, que foi merecidamente contemplado com o “Prêmio Governador do Estado para a Cultura 2018”. Reconheço, penhorado, a valiosa contribuição intelectual e relacional do Professor Martin Grossman, coordenador geral da Cátedra, que foi gestada e cresceu em sua profícua gestão na direção do Instituto. E destaco o esforço devotado da pós-doutoranda Liliana Sousa e Silva para, junto com a equipe de apoio do IEA, colocar a Cátedra Olavo Setubal de pé.

A Cátedra Olavo Setubal contempla Arte, Cultura e Ciência. O acerto dessa abrangência é oportunamente pontuado neste ano em que comemoramos o sexagésimo aniversário da histórica conferência sobre “As Duas Culturas”, proferida na Universidade de Cambridge pelo romancista e

¹ Texto revisto.

cientista britânico Charles Percy Snow, conhecido como C.P. Snow. Nessa fala, posteriormente transformada num livro, Snow lamenta o rompimento crescente da comunicação entre dois grupos intelectuais da sociedade ocidental moderna – cientistas e engenheiros de um lado e, do outro, estudiosos das humanidades e artistas. Em seu entendimento, essa fratura constituía um obstáculo para a solução dos grandes problemas do mundo. E, em particular, refletia-se no declínio da qualidade da educação no mundo ocidental.

Em 7 de maio deste ano, data exata do sexagésimo aniversário da célebre conferência, o IEA-USP organizou um seminário sobre o tema, disponível na videoteca aberta do Instituto. Se C.P. Snow retornasse em 2019 ficaria satisfeito de ver como, seis décadas depois, o panorama intelectual mudou bastante com relação ao que motivou o seu alerta nos idos de 1959. Em síntese, houve uma notável valorização da interdisciplinaridade. Primeiro no bojo das Ciências: eu mesmo, engenheiro químico de formação, fiquei encantado com a disciplina de Físico-Química no curso de graduação da Poli – por coincidência, o campo interesse científico de Snow. Mais recentemente, as humanidades se aproximaram bastante das tecnologias computacionais. O célere avanço desse diálogo ficou patente no seminário internacional “A Máquina, Inteligência e Desinteligência: Utopia e Entropia à Vista”, realizado em novembro do ano passado, também no âmbito de parceria entre o IEA-USP e o Itaú Cultural. O importante evento foi organizado pelo Prof. José Teixeira Coelho Neto, que coordena o Grupo de Estudos Humanidades Computacionais do IEA, e pelo caro Marcos Cuzziol, gerente do Núcleo de Inovação do Instituto Itaú Cultural, a quem agradeço a honrosa presença.

Contribuiu para a mudança no panorama o estabelecimento, a partir dos anos 1960, de organizações que têm na Interdisciplinaridade o seu fundamento, em particular institutos de estudos avançados (IEAs) no âmbito de universidades. O primeiro desses institutos foi o Centro de Pesquisa Interdisciplinar da Universidade de Bielefeld, na Alemanha, conhecido pela sigla em alemão ZiF (Zentrum für interdisziplinäre Forschung). Nós fomos criados em 1986 pelo então Reitor, professor José Goldemberg, justamente para instigar a interdisciplinaridade na USP.

O movimento cresceu bastante: 44 IEAs universitários dos cinco continentes perfazem uma rede global, denominada UBIAS, cuja coordenação neste biênio é responsabilidade do nosso Instituto. Aproveito para agradecer o apoio dado pela Cátedra Olavo Setubal à participação do IEA-USP na edição pioneira da iniciativa global mais importante da UBIAS. Trata-se da Academia Intercontinental, em que 15 a 20 jovens pesquisadores/as brilhantes de todo o mundo, com formações diversas, vivenciam conjuntamente a produção de conhecimento interdisciplinar. Na primeira edição, que envolveu os IEAs da USP e da Universidade de Nagoia no Japão, o tema foi “Tempo”. Neste momento a rede UBIAS está preparando a quarta edição da Academia Intercontinental, que focalizará “Inteligência e Inteligência Artificial”.

Trago um interessante artigo recente intitulado “C.P. Snow e as Duas Culturas - 60 anos depois”, do professor Walter Massey, do Instituto de Artes da Universidade de Chicago². Chama ele a atenção para o fato de que, se há hoje muito mais cooperação entre intelectuais dos “dois mundos”, emergiu uma nova preocupação a exigir a energia articulada de todos – artistas, produtores e operadores da cultura, cientistas e engenheiros. É, nas palavras dele, “o declínio no valor percebido por alguns segmentos da sociedade no intelectualismo e nos estudos”.

² MASSEY, W.E. (2018) C.P. Snow and the Two Cultures, 60 Years Later. *European Review*, Vol. 27, No. 1, 66-74.

Esses desafios também nos assolam abaixo do equador. E a eles cabe adicionar um conjunto de preocupações que nos afligem em Pindorama. Assim como a tuberculose e a hanseníase são doenças físicas reemergentes, as atuais campanhas de negação da Ciência e de satanização das Artes recendem a políticas governamentais do século passado que tiveram consequências desastrosas. É o caso da “Arte Degenerada” – epíteto difamatório dado na Alemanha dos anos 1930 a todas as obras de arte moderna e movimentos culturais que não estavam de acordo com a concepção de arte e o ideal de beleza do regime nazista. E, claro, também aplicado a qualquer obra de arte feita por judeus. Na União Soviética prevaleceu, dos anos 1930 a 1964, a política do lisenkoísmo, que desqualificava a genética e a agricultura baseada em conhecimento científico validado. Milhares de biólogos “ortodoxos” foram demitidos, sendo numerosos presos e mortos pela máquina stalinista. Essa política também foi adotada na China no começo dos anos 1950. Milhões de pessoas morreram de inanição em decorrência do lisenkoísmo.

Nesta quadra opaca de nossa história é preciso afirmar e reafirmar que a Universidade não tem partido, mas tem lado. A Universidade está do lado dos direitos humanos. Da liberdade de expressão. Da convivência respeitosa entre as comunidades diversas. Da valorização da ciência, como indica o brasão da USP. Da inovação responsável. Da sustentabilidade do Planeta. Dos cuidados especiais com os mais de 20% da população que portam deficiências. E, claro, da paz.

Sou otimista quanto à nossa capacidade coletiva de resistir, ou seja, “levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima”. A Universidade tem expressivas responsabilidades nessa resistência construtiva. Para isso, precisa articular cada vez mais as suas competências, a fim de continuar a participar de forma relevante do processo de ideação e implementação das complexas transformações necessárias a um futuro digno para nossos filhos/as e netos/as. Um futuro em que as condições de saúde e de educação não dependam, como hoje, mais do código postal do que do código genético, como pontua o querido colega e Diretor do IEA-USP, professor Paulo Saldiva.

Concluirei esta pequena intervenção celebrando a vida e o legado de formação ética de crianças e jovens construído pela saudosa Evelyn Ioschpe z”l³, que partiu há poucos dias. Tive o privilégio de conhecê-la nos idos dos anos 1960, quando ambos frequentamos, ela em Porto Alegre e eu em São Paulo, o mesmo movimento juvenil educativo judaico, estabelecido por adolescentes, filhos e filhas de refugiados da Europa Central que aportaram no Brasil às vésperas do Holocausto nazista. Nos anos 1990, quando nos reencontramos, ela era diretora-presidente da Fundação Ioschpe e, também, do Grupo de Instituições, Fundações e Empresas (GIFE), numa época em que o investimento social privado era um segmento do Terceiro Setor era ainda incipiente no Brasil. O reencontro fora suscitado por ela, para que a ajudasse a envolver mais a USP no projeto Arte na Escola. Essa é uma iniciativa esplêndida da Fundação Ioschpe, criada há exatos 30 anos, que incentiva, reconhece e qualifica o ensino da arte, por meio da formação continuada de professores do ensino básico.

Para minha surpresa, na sequência fui honrado com o convite de Evelyn e Ivoncy para integrar o Conselho Curador da Fundação Ioschpe, o que fiz com muito gosto e emoção por vários anos. Além de aprofundar a compreensão sobre a dimensão nacional do Arte na Escola, pude conhecer outra iniciativa pioneira, o Formare. Trata-se de um programa de qualificação profissional de jovens de comunidades com vulnerabilidade social por empresas parceiras. Estas desenvolvem programas de formação, customizados de acordo com as suas necessidades. As aulas teóricas e práticas são ministradas pelos/as

³ A indicação z”l, iniciais da expressão hebraica *zikhroná livrakhá* (“que a sua memória seja uma bênção”) é costumeiramente aposta quando se menciona uma pessoa falecida, em especial recentemente.

próprios/as funcionários/as dessas firmas, que são preparados/as e atuam como educadores/as. Os depoimentos de alguns dos 22500 jovens qualificados, vários/as dos/as quais com importantes carreiras profissionais, bem como os relatos dos/as 4700 educadores/as voluntários/as, evidenciam claramente como essa iniciativa vem transformando positivamente numerosas vidas.

Esta singela intervenção sobre ética na formação e formação na ética pode ser sintetizada num aforismo que nos legou Anne Frank. Adolescente judia alemã, ela se tornou emblemática postumamente pelo diário em que relata as suas vivências num quarto oculto, ao longo da ocupação alemã nos Países Baixos durante a Segunda Guerra Mundial. Dedurado o esconderijo, Anne e sua irmã, Margot Frank, foram levadas até campo de concentração Bergen-Belsen, na Alemanha, onde morreram, provavelmente por ocasião da epidemia de tifo que ali grassou no começo de 1945.

Escreveu Anne Frank que “As nossas vidas são moldadas pelas nossas escolhas. Primeiro fazemos as nossas escolhas. Depois as nossas escolhas nos fazem”.

Guilherme Ary Plonski